

Que guerra é essa? Notas sobre guerra, polarização política, conflito e paz

What war is this? Notes on war, political polarization, conflict and peace

¿Qué guerra es esta? Apuntes sobre guerra, polarización política, conflicto y paz

Angela Arruda
Universidade Federal do Rio de Janeiro
arrudaa@centroin.net.br
<https://orcid.org/0000-0001-5649-4335>

Renata Queiroz Ramos
Fundação Oswaldo Cruz
renata.qrzs@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3745-5861>

RESUMO

As transformações políticas da última década, de grandes repercussões em diferentes eixos da vida, motivaram esta reflexão. Inicia-se esboçando um olhar psicossocial sobre aspectos psicopolíticos das guerras do século XXI, articuladas à conjuntura latino-americana e estadunidense. Problematizar a guerra é um passo em direção à paz que queremos. A psicologia social havia teorizado tais aspectos anteriormente, sobretudo em regiões em conflito. Focaliza-se em seguida o Brasil a partir de 2013 e o lugar da polarização, alertando para formas de subjetivação neoliberais e de manejo dos afetos que sustentam a deslegitimação do/a Outro/a. Conclui-se que as novas propostas de guerra são parte de um cenário mais amplo: o neoliberalismo não é apenas uma teoria ou política econômica, mas uma racionalidade política que exige a produção específica de um sujeito, valores morais e formas de sociabilidade atravessadas por dispositivos psi.

Palavras-chave: Psicologia Social. Polarização política. Guerra Psicológica. Guerra Híbrida. Psicopolítica.

ABSTRACT

This reflection was fuelled by the political transformations of the last decade, with their significant impact on life's major axes. It begins by outlining a psychosocial perspective on the psychopolitical aspects of 21st-century wars, connected to the Latin-American and United States contexts. Problematizing war is a step towards the peace we seek. Social Psychology had already theorized such aspects, mainly in conflict regions. We then focus on Brazil from 2013 onwards and the role of polarization, forewarning against neoliberal forms of subjectivation and the management of emotions that support the delegitimization of the Other. It is concluded that new approaches of war are part of a wider scenario: neoliberalism is not only a theory or economic policy, but a political rationality that requires a specific subject production, moral values and sociability manners crossed by psychological devices.

Keywords: Social Psychology. Political polarization. Psychological Warfare. Hybrid War. Psychopolitic.

RESUMEN

Las transformaciones políticas de la última década, con sus grandes repercusiones en distintos ámbitos de la vida, motivaron esta reflexión, la cual empieza delineando una mirada psicosocial sobre aspectos psicopolíticos de las guerras del siglo XXI, relacionadas con la situación latinoamericana y estadounidense. Problematizar la guerra es un paso hacia la paz que queremos. La psicología social ya había teorizado estos aspectos, sobre todo en regiones en conflicto. A continuación, se enfoca en Brasil a partir de 2013 y en el rol de la polarización, alertando sobre las formas de subjetivación neoliberales y el manejo de las emociones que sustentan la deslegitimación del/de la Otro/a. Se concluye que las nuevas propuestas de guerra son parte de un escenario más amplio: el neoliberalismo no es solo una teoría o política económica, sino una racionalidad política que requiere la producción específica de un sujeto, valores morales y formas de sociabilidad atravesadas por dispositivos psi.

Palabras clave: Psicología Social. Polarización política. Guerra psicológica. Guerra Híbrida. Psicopolítica.

Introdução

Nos últimos anos, a sociedade brasileira de modo geral parecia passar por uma mudança de humor: as pessoas se tornaram desagradáveis, beligerantes, sempre dispostas a altercação, brigavam por qualquer coisa. Algo que no século passado se chamava popularmente de estar “de maus bofes”. Afetos amargos como uma ressaca estavam à solta – intolerância, impaciência, irritabilidade, violência. Já a empatia, a solidariedade, foram escasseando na mesma proporção. O bom humor,

a boa vontade e o alto astral quase sumiram de cena mesmo onde antes abundavam.

O mundo atual parece dividido, rasgaram-se consensos, os adversários se tornaram inimigos, passíveis de sofrer ataques violentos; deseja-se sua eliminação (LOZADA, 2004). Nas situações de guerra, os polos se confrontam em termos de matar ou morrer. Na polarização acirrada, eles ordenam a sociedade enfileirando de cada lado os participantes de seu polo, que perdem definição individual, imersos no pensamento ao qual se filiam. Opostos entre si, os polos são tentaculares, espalham-se em todas as direções, e ao mesmo tempo tendem a ser homogêneos internamente, como grandes organismos vivos que fagocitam seus componentes enquanto continuam crescendo, e transbordam bile para todos os aspectos da vida.

Este texto foi retomado após a apresentação no evento que o originou (América Latina: Que paz queremos? Que paz podemos?, UNESA, 2022), antes da última eleição presidencial, portanto, da posse do presidente Lula e da violenta invasão/depredação das instituições-sede dos três poderes balizadores da vida democrática no país, em 8 de janeiro de 2023.

Até o final de 2022 vivíamos a sensação de uma guerra cotidiana, pela sobrevivência material, psíquica e simbólica. Embora isso nem sempre se verbalizasse claramente, havia a sensação de que uma guerra nos espreitava, nos assediava. Por fim, a guerra já estava em nós, quando sucumbíamos ao quadro de horrores, paralisadas/os, ou participávamos do jogo de descarte – físico ou simbólico – do/a outro/a. Os sinais de exaustão desse clima, da sua generalização e naturalização, se evidenciavam, e o que vimos naquele domingo de janeiro de 2023 em Brasília ficará na memória de toda a nação como objetivação de um outro patamar desta guerra, retrato macabro de até onde ela tinha chegado, atingindo uma “dinâmica insurrecional... agora capitaneada pela extrema direita”, como assinalou Safatle (2023, p. 6).

Pretendíamos, na apresentação ao evento na UNESA, abordar fenômenos de traços mais nuançados, que recebiam até a denominação generosa de polarização assimétrica (FUKS; MARQUES, 2020), mostrando algum parentesco com a condição encontrada durante as guerras. O discurso de ódio, as ações violentas se multiplicavam, legitimando a necropolítica (MBEMBE, 2016). Estar em guerra para algumas pessoas talvez parecesse uma metáfora, enquanto para outras já era uma vivência cotidiana. A pergunta que intitula este capítulo era uma afirmação e necessitava ser qualificada. Com a mudança de direção política do país, ficou mais fácil respirar e viver para boa parte dos brasileiros e ainda mais das brasileiras, mas sabemos que o perigo ronda, e uma parte dele continua bem presente.

Que guerra é essa?

Começam a ser discutidas no Brasil e na América Latina formas do que podemos entender como uma guerra no atual milênio, mas apesar do seu inegável componente psicossocial, que nos convoca e nos precipita no vórtice do seu desenrolar, a psicologia social no continente, revela tímido interesse por ela.

Percorreremos inicialmente uma possibilidade explicativa que tem se insinuado neste debate com certa insistência, sem ter sido realmente focalizada pela nossa área, mesmo se não pretendemos afirmar que seja a melhor nem a única possibilidade de explicação, mas sim que tem chamado a atenção em áreas próximas e outras, merecendo, portanto, nossa atenção. Não cabe fazer aqui ofício de historiadora, nem desenvolver a discussão a partir da geopolítica, na qual já há produção circulante e reconhecida nessa direção (LEIRNER, 2022; KORYBKO, 2015; HOFFMAN, 2007; SOUZA, 2020; TOLEDO; RITROVATI, 2021; entre outros). Pontuaremos brevemente elementos conhecidos desta forma de guerra tão “em voga”.

Esta literatura revela que no século 21, quando o chamado “momento unipolar [do mundo] deu sinais de exaustão e uma onda de triunfalismo virou

fumaça em 11 de setembro [de 2001]” (HOFFMAN, 2007, p. 11), o cenário favoreceu elaborações teóricas sobre o tema. O mundo entrava em uma nova era quanto à forma de guerrear. Novas classificações apontavam novas alternativas, como as denominadas “guerras híbridas”, que pareciam vir redesenhar o quadro dominado pela guerra convencional, pesada e cara. Elas misturavam vários elementos, podendo reunir “a letalidade do conflito de estado com o fervor fanático e prolongado da guerra irregular. O termo ‘híbrido’ abrange tanto a organização quanto seus meios”, segundo um de seus teóricos (HOFFMAN, 2007, p. 28).

A discussão sobre estas novidades extrapola os meios especializados em assuntos militares, alcança as ciências políticas e outras, e a teorização se sofisticava. Também recebe leituras locais para além das preocupações militares estadunidenses. A sistematização mais popular provavelmente é a de Korybko (2015), especialista em questões euroasiáticas radicado na Rússia. De forma reduzida e simplificada, algumas das linhas mestras do pensamento de Korybko assinalam:

- A otimização do intervencionismo dos Estados Unidos superando a guerra convencional, demasiado longa, dispendiosa e desgastante politicamente (como a guerra do Vietnã); renova-se a forma de exercer a supremacia geopolítica americana a partir da experiência acumulada em países como Afeganistão e outros, onde se desenvolveu uma abordagem indireta com treinamento de guerrilheiros nativos (TOLEDO; RITROVATI, 2021);
- Os dois grandes componentes da teoria das guerras híbridas, novo método de guerra para provocar mudança ou ajuste de regime, são as chamadas revoluções coloridas e a guerra não convencional. Toledo e Ritrovati (2021) sintetizam: a guerra híbrida é a nova metodologia empregada pelos EUA para interferir na política interna de nações em áreas estratégicas para sua geopolítica. Acrescente-se: sem ir lá.

As revoluções coloridas, numa aproximação simplificada, seriam movimentos aparentemente espontâneos, que podem ocupar espaços públicos

com protestos e utilizar a cultura como arma – esta é a grande inovação metodológica. São revoluções pacíficas, focadas em valores gerais como combate à corrupção, renovação da política, pautas políticas que são bandeiras genéricas e abrem o espectro para a etapa seguinte. Também reforçam o surgimento de novos atores políticos, jovens muitas vezes; o protagonismo não está nas mãos do Estado, nem dos partidos. A meta é tomar o poder, derrubar o governo, provocar uma mudança sem sujar as mãos, amotinando a população para, como um enxame, pressionar as instituições públicas que representam o governo. É a guerra por procuração: os principais interessados – que podem ser um país, como os EUA, mas também empresas ou um setor social específico – não se envolvem diretamente, porque outros o fazem em seu lugar. As revoluções coloridas são um pilar da guerra híbrida para Korybko. Se falham, a guerra não convencional ganha contorno insurrecional e se intensifica até atingir seu objetivo.

A guerra psicológica

Segundo esta proposta, o novo formato da guerra substitui os golpes de estado militares e as intervenções estrangeiras para depor um governante, mudar um regime. Acontece no contexto da perda do monopólio do Estado sobre a operação da violência, e a passagem a uma guerra irrestrita que “objetiva auferir resultados psicológicos e afetar a opinião pública” (RODRIGUES, 2020, p. 148). Apoiase na compreensão das motivações e funcionamento da psicologia do grupo, e vai estudá-la naquela sociedade/cultura para produzir as mensagens adequadas a segmentos sociais bem definidos. Exige uma pesquisa cuidadosa para criar a engenharia do consentimento (KORYBKO, 2015). O uso dos algoritmos, da análise de *big data*, o controle da informação e formação de lideranças leva à propagação de ideologias de forma cirúrgica, muito mais precisa. “Científica”, digamos. A Ciência de dados (*Data Science*) aproveita todos os dados disponíveis na internet para discernir comportamentos de determinados públicos em relação a determinados produtos. Assim, liga anseios dos consumidores com os do sistema

produtivo, facilitando a venda sob demanda, criando uma demanda específica, e até mesmo ofertando a um público especificamente sensível. Também pode mapear uma sociedade explorando preferências, valores, os principais problemas sociais e posições políticas, desenhar um público-alvo e suas maiores vulnerabilidades sociopolíticas (TOLEDO; RITROVATI, 2021). Os exemplos mais citados de resultados políticos do uso de *big data* provenientes da internet são a ação da *Cambridge Analytica* no Referendum sobre o *Brexit* em 2015 e a campanha eleitoral de Donald Trump em 2016 (FORNASIER; BECK, 2020).

Nesta configuração de guerra o componente psicossocial se tornaria chave para perpetuação do conflito, em grande parte pela aceitação popular (RODRIGUES, 2020). O uso estratégico de recursos midiáticos e plataformas de comunicação possibilita a difusão desenfreada de conteúdos, em que a confiabilidade da informação é superada pelo componente político-ideológico que veicula. Aparatos legais também comparecem: o *lawfare* busca o subsídio e o empenho de ferramentas jurídicas, culminando em usos abusivos das leis (TIEFENBRUN, 2010; ROMANO, 2022; UCHÔA, 2022). Assim, é definido por Uchôa (2022, p. 141) como “judicialização seletiva para desestabilização” e por Romano (2022, p. 115) como “instrumentalização da justiça com objetivos políticos”.

Dá para perceber na proposta da guerra híbrida a experiência das guerras civis, como a vivida e teorizada por Martín-Baró (1983; 1990) nos anos 1980 em El Salvador. Ele aponta entre outros aspectos a presença da mentira institucionalizada, ainda que naquela época os “mandantes” – setores dominantes política e economicamente, pela mão do Estado ou de seus comandados, em geral – fossem mais identificáveis. Naquele momento, por outro lado, os movimentos sociais, setores oposicionistas da sociedade – na proposta contemporânea da guerra híbrida podem ser empresas e outros segmentos não estatais, segundo versão mais recente de Korybko (2018b) – constituíam atores definitivos do confronto, o que também levava a formas de guerra não convencional, como a guerra de guerrilhas. Já atualmente eles podem ser o estopim e os condutores do movimento de mudança, de derrubada de governo, de forma não claramente

centralizada, aparentemente espontânea. Mas não são os “mandantes”. Seja como for, não percamos de vista que estamos diante de um inédito uso de recursos psicossociais, com forte apelo aos afetos e amplamente apoiado na comunicação e influência social. Leirner, estudioso dos militares brasileiros, anota a importância que assumem para eles, uma vez que apreendem o conceito de guerra revolucionária, a “ação psicológica e guerra psicológica”, definidas como subsidiárias dos outros tipos de guerra no Manual C45-4, Manual de Campanha/Operações Psicológicas de 1999. Acrescenta ainda que já no manual de 1961 esta era prevista como uma “4ª. Força”, ao lado da Aérea, Naval e Terrestre (LEIRNER, 2022, p. 204).

Os fenômenos de polarização política e ideológica – mentira, deslegitimação do adversário como antessala para sua desumanização e justificativa para sua eliminação – fazem parte deste universo de manejo dos afetos e foram assinalados por psicólogos/os sociais que atuaram em situações de conflito radical ou guerra civil/de guerrilhas (MARTÍN-BARÓ, 1983; 1990; BAR-TAL; HAMMACK, 2012; LOZADA, 2004; VILLA-GÓMEZ, 2019) como estratégias de construção do pensamento social, que são também estratégias de controle político e manejo dos afetos por parte dos poderosos, sendo estes conhecidos da população. Nas denominadas revoluções coloridas eles comparecem reorganizados na opacidade das forças e setores realmente no comando do conflito – tudo pareceria ser espontâneo, em geral não se identifica de onde provém, nem sob ordens de quem. Contudo, a perseguição e desmoralização do inimigo político operam de cima para baixo (ROMANO, 2022) e por dentro do sistema, forjando cenários que pareiam a “legalidade” e a prerrogativa de ações por um “bem maior” ou um “bem comum”.

Por fim, – grande diferencial para a influência social em momentos de conflito, ampliando e direcionando a difusão da informação, as teorias conspiratórias, a propaganda – as redes sociais, fenômeno recente, potencializam muito do que tinha a ver com a “psicologia das massas” no século passado. As redes alavancam a propagação das ideias insurgentes, a tessitura de determinadas representações, o surgimento das novas lideranças e, assim, impulsionam o

protagonismo dos setores que insulam a mobilização, mesmo se não são eles os autores últimos desta estratégia de mudança ou readequação. Passa pelas redes sociais, portanto, a gestão dos afetos – e a “fabricação do consentimento” (SOUZA, 2020, p. 67).

A guerra híbrida então é uma sistematização que resgata experiências e elaborações pré-existentes com uma tradução contemporânea, incorpora as novas tecnologias da informação e se apoia fortemente em fatores psicológicos e psicossociais, embora Korybko e outro teóricos provavelmente desconheçam aqueles psicólogos sociais. A preocupação primeira na descrição dele é com a nova forma como os Estados Unidos tentam manter a supremacia geopolítica. A tal ponto que considera o modelo das guerras híbridas, aparentemente descoberto e aplicado pelos Estados Unidos, mas utilizado por outros países (a chamada primavera árabe é um exemplo), por empresas, dentre outros, em que eles não sujam as mãos, não foi utilizado pela Rússia (KORYBKO, 2018a).

No próximo ponto, em que voltamos o olhar para o Brasil, discutimos brevemente a polarização, fenômeno importante e marcante na vida das sociedades contemporâneas.

Este texto propõe fazer aproximações a esta guerra que inicialmente provocava ansiedade, incerteza, desconforto, insatisfação, medo de um inimigo que podia estar em todo lugar, em qualquer parte, sem bandeira, mas com armas diversas e até letais. Guerra que se escancarou na execução de um aniversariante cuja festa adotou como tema a sua opção política, e que já se anunciava de forma surda na violência contra as mulheres, multiplicada durante a pandemia; ou na política de deixar morrer o povo yanomami em troca de umas pepitas de ouro, até chegar à explosão da turba enfurecida que ocupou, destruiu e emporcalhou os lugares identificados como espaços de poder do “sistema” a ser abatido – a democracia. A presença e o manejo de fortes elementos psicossociais nesta paisagem nos interpelam em nosso ofício de trabalhadoras/es das humanidades e do social. Desejaríamos que o quadro vivenciado até agora se estancasse a partir de 2023. Ao mesmo tempo, sabemos que seus operadores não vão desaparecer de repente, e

mesmo oficialmente afastados das engrenagens do poder, continuarão a exercer influência e a manejar potentes ferramentas de interferência, de má informação. Como já se pode observar, eles são numerosos e continuarão a travar aquela mesma guerra, embora com menor potência. Propomos, então, neste texto, esboçar de forma sucinta e modesta um olhar psicossocial sobre ela, sobrevoando rapidamente as ciências sociais e políticas. Problematizar a guerra que nos atravessa é um passo em direção à paz que queremos.

O texto aponta, inicialmente, novos formatos que a guerra assume no terceiro milênio, passando em seguida a discutir a proeminência que adquirem fatores psicossociais no período, teorizados anteriormente na psicologia social, sobretudo em regiões em conflito. Na 3ª parte focaliza o Brasil a partir de 2013, e o lugar da polarização daí em diante. Por fim, a conclusão reconduz a discussão para o neoliberalismo como pano de fundo destes processos.

Nossa guerra particular de 2013 em diante – a polarização

O aniversário de dez anos das manifestações de 2013 provocou a discussão sobre seu significado na vida política brasileira, suas consequências e reverberações, promovendo análises, debates e posicionamentos nas diversas mídias. Como exemplo, a Folha de São Paulo criou uma série multimídia em 4 capítulos, “O que foi junho de 2013”, um em cada domingo do mês de junho de 2023. No mesmo período, publicou também diariamente 2 ou 3 artigos sobre o tema, assinados por colunistas do jornal e convidadas/os.

O mesmo interesse já se manifestava nos espaços acadêmicos. Vários estudiosos do assunto no Brasil consideram que aquelas manifestações dão início ao processo de esgarçamento do tecido social brasileiro (TELLES, 2016; LEIRNER, 2022; ANDRÉ, 2020; SOUZA, 2020; TOLEDO; RITROVATI, 2021). Relembrem que um objetivo importante da revolução colorida é atingir corações e mentes, caminho ideal para influenciar socialmente, criar posicionamentos e mobilizar: a via dos afetos. A mídia corporativa contribui decisivamente para o novo estado de

espírito ao estimular a polarização que se aprofunda com a manipulação de narrativas circulantes nas redes sociais.

Em 2013, o movimento iniciado contra o aumento de preço do transporte logo abraçava incontáveis reivindicações, sem um norte fixo, até se configurar em torno do combate à corrupção, objetivada na figura dos políticos, da política, com considerável ajuda da grande mídia. Menos de um ano depois se inicia a Operação Lava Jato, inédita perseguição à corrupção no Brasil, muito bem-vinda, que logo descamba para uma atuação em que os fins justificam os meios, com amplo apoio da mídia corporativa. Esta vai arremessar contra o Partido dos Trabalhadores e a esquerda. Velhos fantasmas do medo do comunismo (explorados à exaustão pela ditadura militar) são reconvocados. Segundo Flávia Pellegrino, presidente do Pacto pela Democracia,

No Brasil, a partir daquele momento [junho de 2013] houve uma efervescência da politização e da participação social. Foi realmente muito positivo, mas ao mesmo tempo, acontece num contexto tomado pelo rechaço e deslegitimação do sistema político e das instituições. Três anos depois, não à toa, a gente tem o impeachment da presidente Dilma Rousseff (YAMAGUTI, 2023).

A polarização grassa. No campo psicossocial, algumas de suas características foram sistematizadas por Lozada (2004), a partir da elaboração de Martín-Baró sobre a guerra salvadorenha (1983; 1990) e da experiência venezuelana: o estreitamento do campo perceptivo, o peso dos afetos; a circulação da desinformação procedente de fontes diversas, inclusive as governamentais (a mentira institucionalizada, segundo Martín-Baró); a ruptura do sentido comum (a rigidez e a intolerância suplantam o diálogo). A produção de alteridade, discutida em outras ocasiões (ARRUDA, 2019; 2021; DE ROSA; MANNARINI, 2021) como processo constitutivo do fenômeno, estabelece como base a dicotomia irreconciliável nós-eles, a partir de dispositivos como:

- As variadas formas de deslegitimação do outro (BAR-TAL; HAMMACK, 2012);
- A sua desumanização (WAGNER; HOLTZ; KASHIMA, 2009);

- O essencialismo (WAGNER *et al.*, 2010);
- A criação do bode expiatório, de cortinas de fumaça para dispersar a atenção para longe das questões de fundo (ARRUDA, 2021);
- As teorias conspiratórias (MOSCOVICI, 1987; 2020).

Eles facilitam a condição de alteridade absoluta, que concebe a eliminação do outro sem culpa, posto que não é gente - como estado permanente da polarização (ARRUDA, 2021). A outra face deste manejo dos afetos seria a construção de salvadores/heróis que reforçam tanto atitudes agressivas contra os que pensam de maneira diferente quanto o sentimento de pertencimento a um grupo (ARRUDA, 2021).

Alguns estudiosos trazem o tema da guerra em seus novos contornos para analisar o Brasil. Freitas (2019) sinaliza que as revoluções coloridas e a guerra não convencional são complementares: as primeiras buscam alvos intangíveis, enquanto as últimas são utilizadas para atacar formas tangíveis. Leirner (2022) assinala que a polarização é um instrumento da manutenção da guerra híbrida, a partir do que ele denomina como cismogênese, retomando conceito de Bateson (1990) – a reprodução do cisma, que é a geração contínua da polarização, fenômeno cujos aspectos psicossociais algumas de nós temos discutido (LOZADA, 2004; 2012; ARRUDA, 2019; 2021).

Ao conceituar a cismogênese, a nosso ver, Bateson contribui para o estudo do fenômeno da polarização quando postula que (1) segundo suas observações junto aos Iatmul, ela é um tipo de mudança progressiva de comportamento em que cada parte reage à reação da outra: elas se interalimentam; (2) essa evolução progressiva do comportamento vai na direção da diferenciação entre os dois lados e no caso da política, de uma oposição mútua cada vez maior; (3) estamos portanto lidando com um sistema e um processo, ou um sistema em movimento; (4) ele se dá entre os indivíduos ou entre os grupos; (5) surge a partir de determinados contextos e de elementos que já estavam presentes nele – fazem parte daquela cultura. Bateson (1990), aliás, afirmou se inclinar “...a considerar o estudo das

reações de uns indivíduos às reações de outros indivíduos como uma definição útil do conjunto da disciplina a que vagamente nos referimos como Psicologia Social. Esta definição poderia afastar tal tema do misticismo” (p. 198-9). Reagia assim a “expressões como ‘comportamento social dos indivíduos’ e ‘reações do indivíduo à sociedade’ [que] levam muito facilmente a conceitos como Mente de grupo ou inconsciente coletivo...” (p. 199).

O fenômeno da polarização pode ser um aspecto, um momento ou um elemento da cismogênese, e algumas das características enfatizadas por Bateson – talvez por serem dadas como certo (*taken for granted*), não têm sido suficientemente exploradas na discussão da polarização. Falamos de características psicossociais, evidentemente. Assim, pouco tem se trabalhado sobre a interalimentação das partes, no processo de polarização, com as consequências que isto pode acarretar, inclusive o fato de que isto pode abrir janelas para facilitar o trabalho de despolarização. O mesmo sucede com o pano de fundo cultural, o solo sobre o qual ela germina, que serve de seiva para sua inflamação – até que ponto e como ele também pode servir para aplacar? A questão da identidade não se resume à adesão a um perfil, à identificação com um grupo, mas está enraizada em aspectos da formação da sociedade, suas características históricas, suas figuras icônicas, seu imaginário social, que incidem sobre as formas de subjetivação. Em suma, a característica processual da polarização, com sua genealogia, ainda merece maior atenção. No caso brasileiro, o passado escravista e a forma adotada pelo fim da escravidão, de consequências ainda longe de resolução, marca a nossa forma de desigualdade, a maneira como ela é vivida, naturalizada, reproduzida e polarizada social e politicamente, facilitando a objetivação do ex-escravizado na figura do/a pobre-preto/a, nosso/a Outro/a preferido/a. O apagamento da memória coletiva, ou o esforço para desbotá-la, seja pelo mito da democracia racial, seja pelo da miscigenação, é o sintoma deste quadro, que continuamente gera sofrimento psíquico e alarga o fosso da desigualdade.

Considerações Finais

Fizemos um percurso breve por novos formatos da guerra no século 21, pontuando a presença de fatores psicossociais aí. Indicamos aspectos destes fenômenos no Brasil na última década, sublinhando a polarização. Para finalizar, cabe ressaltar que tanto as novas propostas quanto a relevância do elemento psi são parte de um cenário mais amplo, desenhado pelo neoliberalismo, que permite entrever como sua doutrina, seu discurso e suas práticas são atravessadas por dispositivos psi.

Safatle (2020) aponta que a hegemonia do neoliberalismo é acompanhada pela tendência crescente a utilizar termos psicológicos e morais para falar de processos econômicos. Acrescentemos que essa tendência atravessa um território mais vasto. Lembremos a fala de Bolsonaro diante da lamentação pelas mortes por Covid: todos vão morrer um dia, tem que enfrentar a realidade e deixar de ser um país de maricas: enfrentar de peito aberto.

A convocação do *ethos* viril ancestral posiciona o indivíduo como maior responsável pela resolução dos problemas, ecoando a crítica de que é preciso “parar de procurar ‘proteção’ nos braços paternos do Estado-providência para assumir a ‘responsabilidade’” (SAFATLE, 2021, p. 18) pela própria vida, lidar com o mundo adulto de uma sociedade de risco. O discurso psicológico e moral é mobilizado para paralisar a crítica e justificar ações e políticas.

Para Safatle a psicologização é uma estratégia que ajuda a eliminar a esfera do político enquanto espaço de deliberação e decisão, reduzindo a crítica à condição de patologia ao constituir uma gramática das emoções: termos políticos para descrever lutas políticas (como justiça, equidade, exploração) são trocados por termos emocionais (raiva, medo, inveja, esperança, ressentimento). Políticos mobilizam setores sociais reduzindo-os a sujeitos psicológicos, e as disputas políticas sobre a vida em sociedade passam a ser “ofensas”, “desrespeito” (SAFATLE, 2021, p. 22). O neoliberalismo seria uma engenharia social, um modo

de intervenção social profunda nas dimensões produtoras de conflito.

As novas guerras por procuração se situam neste contexto ao assumir os aspectos psicológicos como uma arma a ser manipulada, escamoteando o fundamento político: a quem e por que interessa travar esta guerra?

O neoliberalismo não é apenas uma teoria ou política econômica, mas uma racionalidade política que exige a produção específica de um sujeito, com valores morais, formas de sociabilidade adequados a ela, diferentes do que se via no Brasil antes dos anos 1980 (SILVA JUNIOR, 2020). Troca o disciplinamento via repressão pelo convencimento via sedução, produz novas subjetividades. O império psi corrói o político e suplanta a dominação do disciplinamento. Para Han (2018, p. 107), “a psicopolítica neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológicos; as novas tecnologias da comunicação são uma ferramenta potente nessa direção.”

Os *big data*, prossegue, talvez tornem legíveis desejos dos quais não estamos exatamente conscientes. As mídias sociais, por sua vez, se assemelham a panópticos digitais que observam e exploram o social. A transparência reivindicada em nome da liberdade de informação não passa de um dispositivo neoliberal. Tudo pode produzir informação e pode circular independente do contexto, aceleradamente.

Assim, a guerra focada na influência-ação sobre a população, tendo como principal munição a comunicação-informação apontada para corações e mentes, e partindo do conhecimento e manejo da cultura e dos anseios desta população, é própria do neoliberalismo. Processos de desestabilização e mudança no poder baseados na engenharia dos afetos são produto desta etapa do capitalismo, em que, para Han (2018), indo além de Foucault e Agamben, a sociedade do controle sucede a sociedade disciplinar. Não mais organizada como corpo, mas como “alma”, e a psicopolítica é a forma de governança, porque descobre a psique como

força produtiva num capitalismo atravessado por modos incorpóreos e intangíveis, como as informações e programas. Não mais um controle repressor, mas sutil e motivador. O trabalhador por conta própria – motorista de aplicativo, entregador, acredita que seu regime de trabalho desregulamentado, sem direitos, é uma forma de libertação, e que tudo depende da própria disposição. Ele se torna seu próprio competidor.

Este é o campo de batalha diante de nós, embora muito mais resta a dizer sobre ele. Problematizar as formas de subjetivação neoliberais são parte da chave para decifrar o formato e o sentido das guerras contemporâneas, e vislumbrar nosso lugar neste território, como cientistas humano-sociais.

Referências

ANDRÉ, Luís André. **Guerra híbrida à brasileira**: das jornadas de 2013 às perspectivas para a próxima década. Brasil: RM Editoriais & Revisões, 2020.

ARRUDA, Angela. Polarización política y social: la producción de alteridades. In: SEIDMANN, Susana; PIEVI, Néstor (Orgs.). **Identities y conflictos sociales**: aportes y desafíos de la investigación sobre representaciones sociales. 1 Ed. Buenos Aires: Belgrano, 2019, p. 232-251.

ARRUDA, Angela. A polarização sob o olhar psicossocial. In: ROSO, Adriane *et al.* (Orgs.). **Mundo sem fronteiras**. Representações sociais e práticas psicossociais. 1 Ed. Porto Alegre: ABRAPSO, 2021, p. 43-83. Disponível em: <https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Mundo-sem-fronteiras.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BAR-TAL, Daniel; HAMMACK, Philip. Conflict, delegitimization, and violence. In: TROPP, Linda R. (Ed.). **The Oxford handbook of intergroup conflict**. New York: Oxford University Press, 2012, p. 29-52.

BATESON, Gregory. **Naven**, un ceremonial Iatmul. Madrid: Júcar Universidad, 1990.

DE ROSA, Annamaria Silvana de; MANNARINI, Terri. Covid-19 as an “invisible other” and socio-spatial distancing within a one-metre individual bubble. **Urban Des Int**, 26, p. 370–390, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41289-021-00151-z>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FORNASIER, Mateus de Oliveira; BECK, Cesar. Cambridge Analytica: Escândalo, Legado e Possíveis Futuros para a Democracia. **Direito em Debate**, v. 29, n. 53, p. 182-195, 2020.

Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate>.
Acesso em: 25 abr. 2023.

FREITAS, Ilton. **Guerra Híbrida contra o Brasil**. Porto Alegre: Liquidbook, 2019.
Disponível em:
<https://elahp.com.br/download/guerra-hibrida-contra-o-brazil-ilton-freitas/>. Acesso em:
05 fev. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 1. Ed.
Cotia/SP: Editora Âyiné, 2018.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**.
Arlington/Virginia: Potomac Institute for Policy Studies, 2007.

KORYBKO, Andrew. 2015. **Hybrid wars: The indirect adaptive approach to regime change**.
Moscow: Peoples' Friendship University of Russia, 2015.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. 1 Ed. São
Paulo: Expressão Popular, 2018a.

KORYBKO, Andrew. O Brasil é alvo de guerra híbrida. [Entrevista cedida a] Eleonora de
Lucena e Rodolfo Lucena. **Revista Indisciplinar**, v. 4, n. 2, p. 36-45, 2018b. Disponível em:
<https://tutameia.jor.br/brasil-e-alvo-de-guerra-hibrida>. Acesso em: 14 abr. 2023.

LEIRNER, Piero. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**. Militares, operações
psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda Editorial,
2022.

LOZADA, Mireya. El otro es el enemigo: Imaginarios sociales y polarización. **Revista
Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, v. 10, n. 2, p. 195-211, 2004. Disponível
em: <https://www.redalyc.org/pdf/177/17710214.pdf>. Acesso em: 26 maio 2023.

LOZADA, Mireya. ¿Nosotros o ellos? Polarización social y el desafío de la convivencia en
Venezuela. In: LOZADA, Mireya. **Polarización política y social en Venezuela y otros
países: experiencias y desafíos**. Temas de formación sociopolítica, n. 49, 2012. Disponível
em: <http://hdl.handle.net/10872/13630>. Acesso em: 24 maio 2023.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Polarización social en El Salvador. **Estudios Centroamericanos
(ECA)**, v. 38, n. 412, p. 129-142, 1983. Disponível em: <https://www.uca.edu.sv/coleccion-digital-IMB/articulo/polarizacion-social-en-el-salvador/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicología social de la guerra: Trauma y terapia**. El Salvador:
UCA Editores, 1990.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios (ppgav/eba/ufrrj)**, n. 32, 2016.
Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. Guerra Híbrida na América do Sul: uma definição das ações políticas veladas. **Sul Global**, v. 1, n. 1, p. 139-168, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/31949>. Acesso em: 27 maio 2023.

ROMANO, Silvina. Lawfare: de la guerra contra la política a la antipolítica. **Sul Global**, v. 3, n. 1, p. 115-126, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/49306/pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 17-46.

SAFATLE, Vladimir. A insurreição. **Revista Piauí**, n. 198, 6-9, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/hora-da-insurreicao/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA JUNIOR, Nelson da. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do "Pacto edípico e pacto social" de Hélio Peregrino ao "E daí?" de Jair Bolsonaro. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 255-282.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

TELLES, Helcimara. A Direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno. **Ponto e vírgula (PUC SP)**, n. 19, p. 97-125, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/download/29895/20746/79352>. Acesso em: 16 mar. 2023.

TIEFENBRUN, Susan W. Semiotic definition of lawfare. **Case Western Reserve Journal of International Law (JIL)**, v. 43, n. 1, p. 28-60, 2010. Disponível em: <https://scholarlycommons.law.case.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1142&context=jil>. Acesso em: 18 maio 2023.

TOLEDO, José Paulo; RITROVATI, Talissa Gabriela. Guerra Híbrida: análise de uma perspectiva. **Revista Conjuntura Global**, v. 10, n. 1, p. 45-61, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v10i1.75867>. Acesso em: 10 maio 2023.

UCHÔA, Marcelo Ribeiro. Lava Jato: guerra híbrida, lawfare e ataque à democracia no Brasil. **Sul Global**, v. 3, n. 1, p. 137-151, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/45790/pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

VILLA-GÓMEZ, Juan David. Representaciones sociales del enemigo como barreras psicosociales para la construcción de la paz y la reconciliación en Colombia. In: CARMONA, J.; MORENO, F. (Eds.). **Reconstrucción de subjetividades e identidades en contextos de guerra y posguerra**. Colombia: Editorial Universidad de Manizales, ASCOFAPSI, 2019, p. 365-387.

WAGNER, Wolfgang; HOLTZ, Peter; KASHIMA, Yoshihisa. Construction and deconstruction of essence in representing social groups: Identity projects, stereotyping, and racism. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 39, n. 3, p. 363-383, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.2009.00408.x>. Acesso em: 25 mar. 2023.

WAGNER, Wolfgang; KRONBERGER, Nicole; NAGATA, Motohiko; SEN, Ragini; HOLTZ, Peter; FLORES PALACIOS, Fátima. Essentialist theory of 'hybrids': From animal kinds to ethnic categories and race. **Asian Journal of Psychology**, v. 13, n. 4, p. 232-246, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-839X.2010.01315.x>. Acesso em: 25 mar. 2023.

YAMAGUTI, Bruna. Manifestações de junho de 2013: passada uma década, pessoas que participaram dos atos relembram os protestos. **G1**, 04 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/06/04/manifestacoes-de-junho-de-2013-passada-uma-decada-pessoas-que-participaram-dos-atos-relembra-os-protestos.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2023.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Maithe Arruda-Carvalho, Renata Queiroz Ramos*

Submetido em 30/09/2023

Aprovado em 14/12/2023

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4)